

## **Encontro**

Revista de Psicologia

Vol. 16, Nº. 24, Ano 2013

### **Carla Serrão**

*Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto - Portugal*

carlaserrao@ese.ipp.pt

### **Nilton Soares Formiga**

*Centro Universitário Maurício de Nassau*

nsformiga@yahoo.com

# ANÁLISE ESTRUTURAL DO INVENTÁRIO DO SEXISMO AMBIVALENTE EM ESTUDANTES PORTUGUESES DO ENSINO SUPERIOR

---

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi adaptar para Portugal o Inventário do Sexismo Ambivalente e replicar a estrutura bi-fatorial do sexismo (hostil e benevolente), proposta em outros estudos em diferentes países. Esse instrumento será verificado, a partir da análise de equação estrutural, a consistência da estrutural já observada. 408 estudantes do ensino superior de ambos os sexos. A análise de componentes principais confirmou a estrutura bidimensional do sexismo, evidenciando uma correlação positiva significativa entre as escalas de sexismo hostil e benevolente. Em suma, os resultados ofereceram suporte à teoria do sexismo ambivalente, que concebe o sexismo benevolente como uma forma de se legitimar o sexismo hostil e perpetuar as desigualdades de género.

**Palavras-Chave:** sexismo; análise estrutural; estudantes.

---

## ABSTRACT

The aim of this study was to adapt to Portugal the Ambivalent Sexism Inventory and replicate the bi-factorial structure of sexism (hostile and benevolent), proposed in other studies in different countries. ASI will be checked from the analysis of structural equation. 408 college students male and female. The principal components analysis confirmed the two-dimensional structure of sexism, showing a significant positive correlation between the scales of hostile sexism and benevolent sexism. In summary, the results offered support to the theory of ambivalent sexism, which sees the benevolent sexism as a way to legitimize and perpetuate hostile sexism and gender inequalities.

**Keywords:** sexism; structural analysis; students.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato  
Alameda Maria Tereza, 4266  
Valinhos, São Paulo  
CEP 13.278-181  
rc.ipade@anhanguera.com

Coordenação  
Instituto de Pesquisas Aplicadas e  
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original  
Recebido em: 24/03/2012  
Avaliado em: 23/08/2012

Publicação: 02 de dezembro de 2013

## 1. INTRODUÇÃO

Uma das aquisições mais expressivas do século XX foi a transformação que se fez na situação social das mulheres e nas relações sociais entre os dois sexos. Pode afirmar-se, pelo menos no mundo ocidental, que existe uma ampla consciência coletiva e um reconhecimento jurídico e institucional do direito das mulheres à igualdade (Silva, 2002). Em contexto português, e no início da década 70, tanto motivado por fenômenos de emigração massiva, bem como pela guerra colonial, originaram a extensa diminuição da mão de obra masculina e o “crescimento vertiginoso da taxa de atividade feminina e taxas de feminização dos mais diversos sectores de atividade e profissões” (Silva, 2002, p.17).

Durante este período, os movimentos feministas emergem, em vários países, em virtude de múltiplas situações de discriminação das mulheres, com o intuito de reivindicarem para as mulheres os mesmos direitos dos homens, no que diz respeito ao acesso à educação, ao mundo laboral e à participação em estruturas de poder económico político.

Apesar de o último século ter conhecido vitórias notáveis em vários campos, subsistem, como defende Silva (2002), grandes áreas de discriminação que decorrem, sobretudo, dos preconceitos sobre as mulheres “e do próprio modo (masculino) como a actividade humana” e como “as relações sociais estão organizadas” (p.18).

De facto, estas “avaliações negativas e atos discriminatórios dirigidos às mulheres em função da sua condição de género” (Lips, 1993); um “sistema de opressão baseado nas diferenças de género que envolve políticas e práticas culturais e institucionais bem como crenças e acções individuais” (Shorter-Gooden, 2004, p.407), permitem sintetizar o que se denomina de sexismo e avaliar o impacto deste fenómeno no quotidiano e as problemáticas que o mesmo pode encerrar, nomeadamente ao nível pessoal (e.g., violência conjugal), profissional (e.g., criação de obstáculos na promoção na carreira) e interpessoal (e.g., a partir de piadas de cariz sexual).

Apesar de o sexismo ser vulgarmente conceptualizado como um reflexo de hostilidade contra as mulheres, Glick e Fiske (1996) consideram que esta noção omite um aspecto significativo que diz respeito a sentimentos subjetivamente positivos em relação às mulheres. Nesta ordem de ideias, a literatura (e.g., Glick & Fiske, 1996; Swim, Aikin, Hall, & Hunter, 1995, Formiga, Gouveia & Santos, 2002; Formiga, 2005; Formiga, 2011) tem mostrado, que as atitudes tradicionais a respeito das mulheres, baseadas na assumida inferioridade das mulheres, enquanto grupo, têm “sido substituídas por novas formas de sexismo, nas quais a antipatia a elas dirigida tem se expressado de forma simbólica ou

indirecta” (Ferreira, 2004, p.120). Isto é, o sexismo flagrante tem sido substituído por uma forma de sexismo subtil/encoberta, que se baseia, de igual forma que o sexismo antigo, “em sentimentos negativos sobre as mulheres, muito embora eles sejam mais encobertos e relacionados com práticas mais contemporâneas” (Deaux & LaFrance, 1998, cit. Ferreira, 2004).

Glick e Fiske (1996), apoiados na perspectiva de uma nova forma de sexismo, apresentam a teoria do sexismo ambivalente, segundo a qual o sexismo pode apresentar duas formas principais de expressão:

1. a hostil, definida como “a expressão mais flagrante de preconceito em relação às mulheres” (Allport, 1994, cit. Formiga et al., 2002, p.105), evidenciando “crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, reflectindo antipatia e intolerância relativamente ao seu papel como figura de poder e decisão” (p.106). Este sexismo aplica-se como punição “às mulheres não tradicionais, como as mulheres profissionais e feministas” (Castro, Fernández, Fernández, & Garrido, 2009, p.133), na medida em que estas não desenvolvem os papéis que socialmente lhes estão atribuídos.
2. o sexismo benévolo, que segundo Siano (2000, cit. Formiga et al., 2002), “constitui-se na forma mais apropriada de justificar concessões e tratamentos diferenciados entre homens e mulheres” (p. 106), referindo-se a “uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher (...) que a descreve como uma pessoa frágil que necessita de atenção mas que também pode complementar o homem” (p.106). Este tipo de sexismo aplica-se como recompensa às mulheres que “cumprem os papéis tradicionais aceitando a supremacia masculina” (Castro et al., 2009, p.113).

Em consequência, o sexismo ambivalente é um fenómeno com aspectos paradoxais, girando à volta do poder social, da identidade de género e da sexualidade, conforme defendem Glick e Fiske (1996, 1999). Neste sentido e com o objetivo, de avaliarem a natureza multidimensional deste construto, Glick e Fiske (1998) elaboraram o *Ambivalent Sexism Inventory*, interligando os dois tipos de sexismo através de três componentes: o paternalismo, a diferenciação de género e a heterossexualidade (Mladinic, Saiz, Diaz, Ortega & Oyarce, 1998, cit. Formiga et al., 2002).

É de realçar que cada componente reflecte uma série de crenças ambivalentes sobre as mulheres, uma vez que cada uma apresenta uma matiz hostil e uma matiz benévola, que serve para fundamentar as condições sociais, biológicas que caracterizam as relações entre os sexos, por exemplo:

- O paternalismo baseia-se na noção de que a relação da mulher com o homem tem as mesmas características que uma relação paternal, podendo ter uma matiz de domínio (sexismo hostil), como uma matiz de proteção (sexismo benévolo) (Formiga et al., 2002).
- No que diz respeito à componente de diferenciação de género, o que

caracteriza o sexismo hostil é a noção de que somente o homem tem potencialidades e competências, sendo que, o que descreve o sexismo benévolo é a ideia de as capacidades das mulheres são somente complementares às dos homens.

- No que concerne à heterossexualidade no tipo de sexismo hostil caracteriza a mulher como objeto sexual pelo qual o homem sente desejo, sendo que o tipo benévolo configura-se na crença de que a mulher “deve ter sempre um companheiro para ser completamente feliz” (Formiga et al., 2002).

Sexismo hostil e sexismo benévolo constituem-se enquanto ideologias complementares e que são comuns a todas as culturas (Glick & Fiske, 1996), servindo para manter as desigualdades entre homens e mulheres. Múltiplos estudos desenvolvidos no âmbito da Teoria do Sexismo Ambivalente, e que utilizaram o instrumento proposto por Glick e Fiske (1996), demonstram que este instrumento tem boas características psicométricas, no que se refere à identificação e comparação de atitudes sexistas hostis e benevolentes, não apenas em amostras norte-americanas, mas também em amostras chilenas (Mladinic, Saiz, Diaz, Ortega e Oyarce, 1998), mexicanas (Expósito, Moya e Glick, 1998), coreanas (Kim, 1998), alemãs (Eckes e Six-Materna, 1999) e Brasileiras (Formiga et al., 2002; Formiga, 2005; Formiga, 2011).

Com base nestes estudos é que se fundamenta o objetivo central desse trabalho: avaliar a partir da modelagem de equação estrutural, a fatorialização do Inventário de Sexismo Ambivalente em contexto português. Espera-se assim, que a estrutura psicométrica do sexismo em portugueses se organize em sua bifatorialidade, assemelhando-se aos resultados já observados nos estudos supracitados sobre o tema.

## 2. MÉTODO

### *Amostra*

408 sujeitos de ensino superior, com idades compreendidas entre 18 e 60 anos ( $M = 23$ ;  $DP = 6.97$ ) participaram do estudo. Nesta amostra, 64 % dos sujeitos são do sexo feminino e 36% são do sexo masculino. No que se refere à formação académica, os indivíduos distribuem-se da seguinte forma nas licenciaturas indicadas: 118 (29%) em Educação Social nos cursos diurnos e pós-laboral, 49 (12%) em Gestão do Património nos cursos diurnos e pós-laboral, 40 (9.8%) em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa nos cursos diurnos e pós-laboral, 41 (10%) em Educação Musical, 68 (16.7%) em Educação Básica, 25 (6.1%) em Línguas e Culturas Estrangeiras, 47 (11.5%) em Ciências do Desporto e 20 (4.9%) em Artes Visuais e Tecnologias Artísticas. Destes

sujeitos, 161 (39%) são do 1.º ano de licenciatura, 109 (27%) do 2.º ano e 138 (34%) do 3.º ano.

Quanto ao estatuto do/da estudante face ao trabalho, a grande maioria dos/das estudantes não tem estatuto de trabalhador-estudante ( $n = 336$ , 83%). No conjunto dos cursos diurnos, apenas 33 (11%) dos/das estudantes têm este estatuto, enquanto que nos cursos pós-laboral, a percentagem é relativamente mais elevada ( $n = 38$ ; 37%). Dos/das estudantes com estatuto de trabalhador-estudante, a maioria trabalha em regime de full-time ( $n = 42$ ; 61%).

Relativamente ao estado civil, a maioria indicou ser solteira, havendo apenas 41 estudantes casados/as ou a viver em união de facto. Nenhum dos/das estudantes solteiros/as sinalizou ter filhos/as. Do total de estudantes casados/as, 23 (56%) indicaram ter um ou mais filhos/as. A grande maioria dos/das estudantes vive com os progenitores ( $n = 274$ ; 68%). Quanto à posição dos/das estudantes face à religião, a maioria é católica, praticante ( $n = 155$ , 39%) e não praticante ( $n = 128$ , 32%). Uma percentagem de 13% indicou ser agnóstica ( $n = 52$ ), e uma percentagem de 11% ateia ( $n = 45$ ). Foi ainda sinalizada, em 19 casos (5%), outra religião. No que se refere à orientação política dos/das estudantes, cerca de 33% assinalou ser de esquerda ( $n = 87$ ) ou de centro esquerda ( $n = 47$ ). Cerca de 26% assinalou ser de direita ( $n = 71$ ) ou de centro direita ( $n = 35$ ). Uma percentagem considerável assinalou a opção outra (30%), não se revendo na comum divisão entre esquerda e direita.

### *Instrumento*

O *Inventário de Sexismo Ambivalente* (ISA) desenvolvido por Glick e Fiske (1996): trata-se um instrumento constituído por 22 itens em que o indivíduo tem de assinalar apenas uma opção numa escala de tipo *Likert* de 1-5 (1- discordo totalmente, 2- discordo, 3- nem discordo, nem concordo, 4- concordo, e 5- concordo totalmente). Este inventário tem como objetivo avaliar idéias sexistas, quer de um ponto de vista benévolo, quer de um ponto de vista hostil.

Glick e Fiske (1996) realizaram vários estudos para a elaboração e validação da prova. Desta forma, o ISA era constituído inicialmente por 140 itens. Seguidamente, os autores aplicaram uma versão reduzida da escala composta por 22 a 32 itens a várias amostras. Relativamente à fidelidade do ISA, os autores obtiveram valores de coeficientes de consistência interna aceitáveis nos estudos. É de referir que o sexismo benévolo tende a apresentar valores mais baixos, uma vez que esta subescala apresenta um carácter multidimensional. A escala final ficou reduzida a 22 itens saturados em dois factores: O

factor 1 (itens: 2, 4, 5, 7, 10, 11, 14, 15, 16, 18 e 21) reflete o sexismo hostil, uma vez que demonstra um preconceito mais evidente face ao género feminino e o factor 2 (itens: 1, 3, 6, 8, 9, 12, 13, 17, 19, 20 e 22) diz respeito ao sexismo benévolo, na medida em que demonstram uma forma subtil de diferenciação das mulheres. Este instrumento tem revelado indicadores psicométricas com amostras de outros países (por exemplo, EUA, Chile, México, Coreia, Alemanha, Brasil etc.) garantindo a sua estrutura bifatorial atribuídas às atitudes sexistas hostis e benevolentes.

### *Procedimento*

A versão portuguesa do inventário foi adaptada a partir da versão brasileira de Formiga e colegas (2002) e que vem sendo confirmada longitudinalmente em recentes estudos (Formiga, 2005; Formiga, 2010; Formiga, 2011). Posteriormente aplicou-se o ISA a uma amostra de estudantes do ensino superior numa única instituição de ensino, em contexto de sala de aula. Os sujeitos foram solicitados a participar num estudo que pretendia analisar a percepção das pessoas relativamente às relações mantidas por diferentes grupos sociais.

As pessoas que mostraram interesse e que deram o seu consentimento em participar neste estudo foram esclarecidas que de que não havia respostas certas ou erradas, e que respondessem de acordo com o que pensam; foi assegurado o anonimato das suas respostas, e que as mesmas seriam tratadas em seu conjunto. Desta forma, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, a pesquisadora esteve presente durante toda a aplicação para o esclarecimento das dúvidas que surgissem. Um tempo médio de 20 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

Nos estudos anteriores, utilizou-se o pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 15.0, para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas e os cálculos referentes ao Alfa de Cronbach ( $\alpha$ ). Apesar da garantia na relação item-fator, na análise exploratória e as correlações internas entre fatores de cada escala encontrada nos estudos Glick e Fiske (1996), Formiga e colegas (2002), Ferreira (2004) e Formiga (2005), tais cálculos se baseiam apenas nos dados obtidos, desconsiderando um modelo teórico fixado, capaz de orientar a extração das dimensões latentes, justamente, porque nas análises exploratórias não é possível apresentar qualquer indicação sobre a bondade de ajuste do modelo.

As técnicas de análise de modelagem estrutural têm a vantagem de levar em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator, bem como, apresenta indicadores de bondade de ajuste que permitem decidir objetivamente sobre a validade

de construto da medida analisada. Com isso, efetuou-se uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), gerando Modelo de Equação Estrutural (SEM) a partir do AMOS GRAFICS (versão 7.0) para comprovar, com maior robustez, a estrutura do inventário de sexismo ambivalente em portugueses.

Para realização da análise fatorial confirmatória, pretendeu-se testar a adequação do modelo quanto a sua unidimensionalidade e bidimensionalidade. Considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador ML (Maximum Likelihood). Este tipo de análise estatística é mais criterioso e rigoroso do que o anterior – Principais Componentes - (PC) utilizado nos estudos anteriormente citados; isto permite testar diretamente uma estrutura teórica, como a proposta pelos autores que adaptaram o mesmo inventário para o Brasil.

Esta análise apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Byrne, 1989; Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005; Kelloway, 1998; Tabachnick & Fidell, 1996; Van de Vijver & Leung, 1997), por exemplo:

- O  $\chi^2$  (qui-quadrado) testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor, pior o ajustamento. Este tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação ao grau de liberdade ( $\chi^2/g.l.$ ). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.
- Raiz Quadrada Média Residual (RMR), que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero (Joreskög & Sörbom, 1989).
- O *Comparative Fit Index* (CFI) compara, de forma geral, o modelo estimado e o modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).
- O Goodness-of-Fit Index (GFI) e o Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI) são análogos ao  $R^2$  em regressão múltipla. Portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Estes variam de 0 a 1, com valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superior, indicando um ajustamento satisfatório.
- A Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores de até 0,10 (Garson, 2003; Kelloway, 1998).
- O Expected Cross-Validation Index (ECVI) e o Consistent Akaike Information Criterion (CAIC) são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do ECVI e CAIC expressam o modelo com melhor ajuste.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com os estudos das análises exploratórias, bem como, de análise confirmatória realizadas com amostras de sujeitos brasileiros (Formiga et al., 2002; Ferreira, 2004; Formiga, 2005; Formiga, 2010), buscou-se avaliar, no presente estudo a estrutura do inventário de sexismo ambivalente. Efetuaram-se no pacote estatístico AMOS 7.0 uma análise fatorial confirmatória e modelagem de equação estrutural para a amostra de sujeitos portugueses, hipotetizando a bifatorialidade do modelo de acordo com o que foi proposto nos estudos citados anteriormente.

A fim de testar a estrutura fatorial do Inventário de Sexismo Ambivalente considerou-se os seguintes modelos comparativos: (a) Modelo 1: unifatorial, em que todos os itens da atitude anômica apresentam saturação em um único fator e (b) Modelo 2: uma estrutura com dois fatores, de acordo com o que já foi encontrado em outros estudos descrito previamente e com uma organização item-fator da seguinte forma: Sexismo Benévolo - ISA 01, ISA 03, ISA 06, ISA 08, ISA 09, ISA 12, ISA 13, ISA 17, ISA 19, ISA 20, ISA 22 e o Sexismo Hostil - ISA 02, ISA 04, ISA 05, ISA 07, ISA 10, ISA 11, , ISA 14, ISA 15, ISA 16, ISA 18, ISA 21.

Optou-se por deixar livre as covariâncias ( $\phi$ ,  $\varphi$ ) entre os fatores. Os indicadores de qualidade de ajuste de cada modelo se mostraram próximas as recomendações apresentadas na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; Van de Vijver & Leung, 1997). Os resultados obtidos nestas análises, observados, em negrito, na tabela 1, revelam que o melhor modelo para o Inventário de Sexismo Ambivalente foi o modelo bifatorial, em todas as amostras. Especificamente, os seguintes indicadores da qualidade de ajuste, apresentaram a seguinte razão:  $\chi^2/gl = 1,05$ ; RMR = 0,04; GFI = 0,97; AGFI = 0,95; TLI = 1,00; CFI = 1,00; RMSEA = 0,00 (0,00-0,02); CAIC = 936,94; ECVI = 0,89.

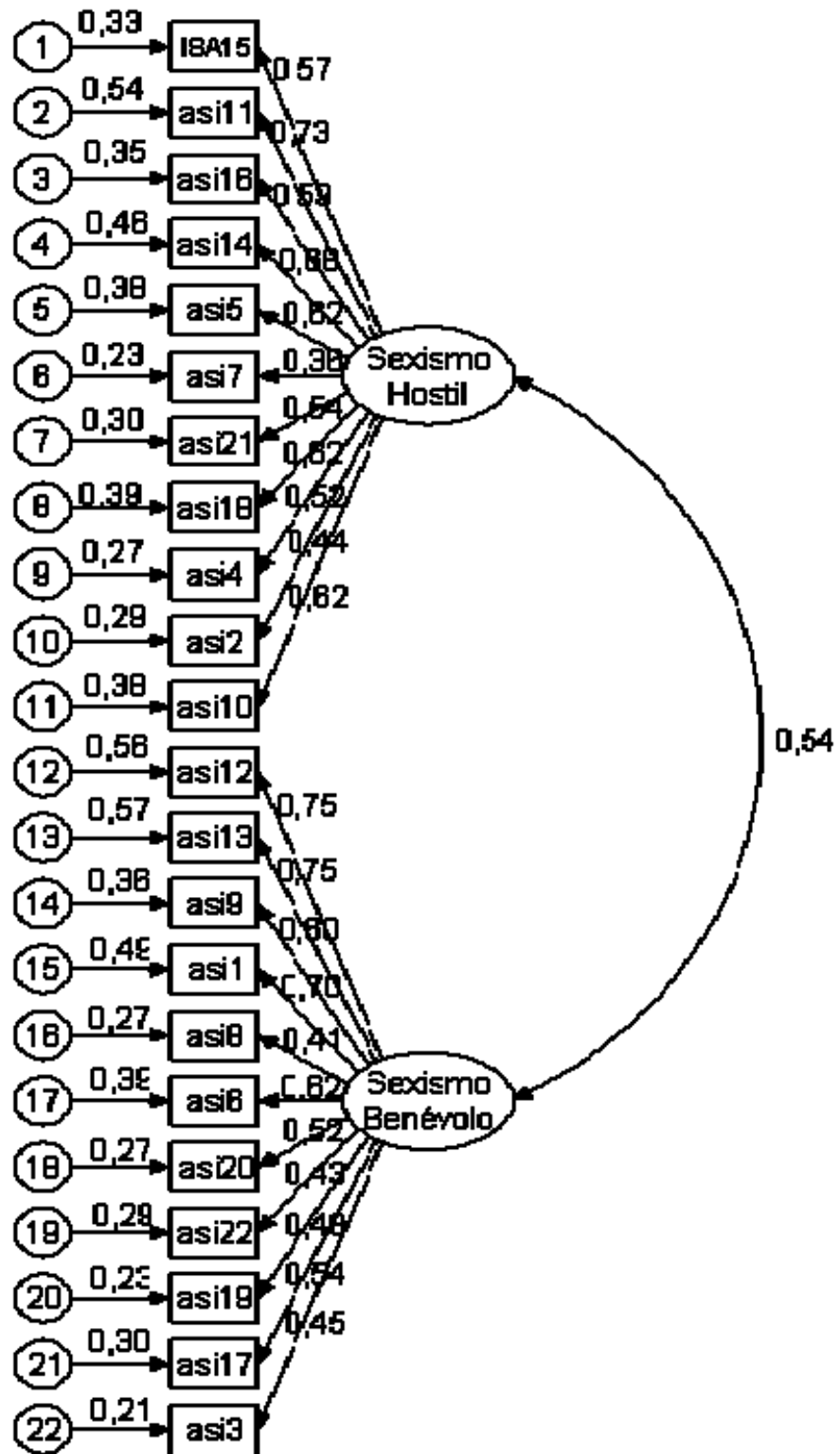


Figura 1. Estrutural fatorial do inventário de sexismo ambivalente em portugueses.

Desta forma, na Figura 1 é possível observar que todas as saturações (Lambdas,  $\lambda$ ) estão dentro do intervalo esperado  $|0 - 1|$ , denotando não haver problemas de estimação proposta. Além disso, todas são estatisticamente diferentes de zero ( $t > 1,96, p < 0,05$ ) corroborando a existência de dois fatores para se avaliar o sexismo ambivalente: o sexismo *hostil* - expressão flagrante do preconceito em relação às mulheres e reflete

antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão (por exemplo, As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; A maioria das mulheres não aprecia completamente tudo o que os homens fazem por elas); e o sexismo *benévolo* - refere-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, porém descrevendo-a como pessoa frágil, necessitando de atenção e etc. (por exemplo, As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens; Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem). Neste resultado observaram-se lambdas positivos entre as duas dimensões - Sexismo hostil e benévolo -  $\lambda = 0,54$ , bem como, alfas de Cronbach, respectivamente, de 0,79 e 0,81.

A título de lembrança, a bidimensionalidade destacada no sexismo ambivalente, expressa um conjunto de estereótipos quanto à avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal sobre o papel apropriado que cada indivíduo deve ocupar ou executar na sociedade (Glick & Fiske, 1996); a relação entre as dimensões do sexismo, apresentando lambdas ( $\lambda$ ) positivos entre elas, refere-se que na existência de uma das formas de sexismo, possivelmente, poderá influenciar a outra forma discriminatória frente às mulheres. Como dado adicional avaliou-se a diferença entre a pontuação média dos sujeitos nas dimensões do sexismo observando que o sexismo hostil apresentou uma média superior ( $M = 2,97$ ,  $DP = 0,70$ ) a do sexismo benévolo ( $M = 2,87$ ,  $DP = 0,73$ ) [ $t(403) = 2,82$ ,  $p < 0,05$ ].

Esses resultados confirmam, empiricamente, os resultados já encontrados por Ferreira (2004), Formiga e colaboradores (2002) e Formiga (2005) em sua análise exploratória com jovens brasileiros bem como, no estudo transcultural de Glick e colegas. (2000); também, considerando o estudo confirmatório realizado por Formiga (2010), junto de amostras de pessoas brasileiras.

De facto, O ISA, em uma amostra de estudantes portugueses, permite evidenciar o preconceito frente às mulheres, mesmo em um diferente contexto geopolítico, destacando que associações item-fator continuam de acordo como o que era esperado para o construto avaliado, por exemplo: ISA 01, ISA 03, ISA 06, ISA 08, ISA 09, ISA 12, ISA 13, ISA 17, ISA 19, ISA 20, ISA 22, corresponde ao sexismo benévolo e para o Sexismo Hostil é destacado o ISA 02, ISA 04, ISA 05, ISA 07, ISA 10, ISA 11, ISA 14, ISA 15, ISA 16, ISA 18, ISA 21).

A amostra em estudo é apenas constituída por estudantes de ensino superior e por este motivo importa salientar que a adaptação deste inventário é apenas válido para esta população. Por outro lado, foi efectuada a análise fatorial confirmatória e a modelagem de equação estrutural tal como em estudos anteriores. Como esperado, este

estudo revelou que o Modelo de Sexismo proposto por Glick e Fiske (1999), assente numa diferenciação entre sexismo hostil e sexismo benévolo é constante em diferentes culturas.

Relativamente aos valores da consistência interna para ambos os factores, é de referir que os resultados para a adaptação do ISA com uma amostra portuguesa diferem dos obtidos nos Estados Unidos por Glick e Fiske (1996) e dos resultados obtidos por Formiga et al. (2002). No que diz respeito ao sexismo benévolo, a consistência interna obtida neste estudo foi de 0,81, sendo ligeiramente superior aos resultados obtidos nos Estados Unidos, 0,75, e aos resultados obtidos no Brasil, 0,77 (Formiga et al., 2002). No que se refere à consistência interna relativa ao sexismo hostil, o valor de alfa de Cronbach foi de 0,79. Apesar de ser superior ao obtido no Brasil, o que foi de 0,66, encontrado por Formiga et al. (2002), surge como inferior ao encontrado pelos autores do ISA que foi de 0,87 (Glick & Fiske, 1996).

De forma geral, os indicadores de bondade de ajuste apresentaram evidências da validade fatorial e da consistência interna para o ISA com uma amostra portuguesa, sendo assim, justifica-se seu emprego no contexto amostral com o objetivo de avaliar acerca de variáveis antecedentes e conseqüentes sobre o preconceito frente às mulheres.

Com efeito, este estudo permitiu evidenciar que o sexismo hostil e benévolo está presente na população do ensino superior e que estas duas formas de preconceito servem para legitimar mecanismos de manutenção de uma desigualdade de género. Este dado é mais alarmante se o analisarmos tendo em conta algumas das variáveis sociodemográficas relativas a esta amostra, nomeadamente, a idade (tratando-se em geral de jovens), a qualificação académica e a futura profissão, isto é, profissões mais directamente ou indirectamente relacionadas com a educação.

Apesar de se observarem resultados confiáveis, alguns limites devem ser destacados no presente estudo: faz-se necessário reunir evidências adicionais da validade e precisão intra, inter e pan-culturais, as quais deveriam se centrar na validade de critério ou convergente em relação a construtos correlatos, bem como, conhecer a estabilidade temporal (teste-reteste), comparando com os resultados que podem ser indicados por outros autores; outro ponto importante que deve ser destacado quanto a replicabilidade desse estudo seria considerar amostras mais diversificadas quanto às características dos participantes, incluindo também jovens de diferentes contextos socioculturais e económicos; por fim, frente ao estudo do sexismo, e na busca da origem deste fenómeno na dinâmica interna da família, seria útil avaliá-lo ao nível dos processos de transmissão familiar e intergeracional, percebendo se este conduz a uma replicação constante da

cultura nas gerações seguintes ou se a geração mais nova apresentará um quadro cultural completamente distinto da dos seus progenitores.

## REFERÊNCIAS

- Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.
- Castro, Y. R., Fernández, M. L., Fernández, M. V. C., & Garrido, J. M. F. (2009). Aproximación conceptual al sexismo ambivalente: estado de la cuestión. *SUMMA Psicológica*, Vol.6, n.º 2, p. 131-142.
- Eckes, T. & Six-Materna, I. (1999). Hostilität und Benevolenz: Eine Skala zur Erfassung des ambivalenten Sexismus. *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, 30, 211-228.
- Expósito, F., Moya, M. C., & Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. *Revista de Psicología Social*, 13, 159-169.
- Ferreira, M. C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de género. *Temas em Psicologia da SBP*, 12, n.º 21, 119-126.
- Formiga, N. S. (2005). Estrutura fatorial do inventário de sexismo ambivalente a partir da análise dos eixos principais. *Psicólogo Informação*, 9 (9), 09-28.
- Formiga, N. S. (2011). Inventário de Sexismo Ambivalente: Um estudo a partir da modelagem de equação estrutural. *Revista de psicologia da UFC* 2, 104-116.
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o género. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n.º1, 103-111.
- Garson, G. D. (2003). *PA 765 Stat notes: An online textbook*. Endereço de página Web: <http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm> (consultado dia 17 de maio de 2005).
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491-512.
- Glick, P. & Fiske, S. T. (1998). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491-521.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1999). The ambivalent toward men inventory: Differentiating hostile and benevolent beliefs about men. *Psychology of Women Quarterly*, 23, 519-536.
- Glick, P. & Fiske, S. T. (2001). Ambivalent sexism. In: M. P. Zanna, (Ed.). *Advances in experimental social psychology*, Thousand Oaks (CA): Academic Press, v. 33, p. 115-188.
- Hair, J. F.; Tatham, R. L.; Anderson, R. E.; Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Joreskog, K., & Sorbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software.
- Kelloway, E. K. (1998). *Using LISREL for structural equation modeling: A researcher's guide*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Kim, H. J. (1998). Men's motivation toward women and sexual harassment. *The Korean Journal of Psychology: Women*, 3, 133-147.
- Lips, H. (1993). *Sex and gender*. Mountain View, CA: Mayfield.
- Silva, M. (2002). A igualdade de género - Caminhos e atalhos para uma sociedade inclusiva. *Cadernos Condição Feminina*, 53. Lisboa, CIDM.
- Swin, J. K., Aikin, K. J., Hall, W. S. & Hunter, B. A. (1995). Sexism and racism: Old-fashioned and modern prejudices. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 199-214.
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.

---

Van de Vijver, F., & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

---

***Carla Serrão***

A autora é doutora em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Desde 2002 é professora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. O presente estudo realizou-se no âmbito do Projeto Diagnóstico e Implementação da Igualdade de Género na Escola Superior de Educação do IPP, financiado pelo POPH/QREN, 7.2 - Planos de Igualdade, n.º 058520/2011/72.

---

***Nilton Soares Formiga***

Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente, é professor no curso de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau - JP. Endereço para correspondência: Avenida Guarabira, 133. Manaíra. CEP.: 58140-030. João Pessoa - PB.